

## A EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS DESAFIOS ENFRENTADOS NAS AULAS REMOTAS

Bianca Ramos de Jesus<sup>1</sup>  
Juliana Pereira Lima Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os desafios e as práticas pedagógicas adotadas pelas escolas e professores do campo no período da pandemia de COVID-19, nas aulas remotas. Foi observado a falta de infraestrutura dessas escolas para adotarem o ensino remoto e as dificuldades que os alunos enfrentam nesses locais para realizarem as atividades propostas. A pesquisa é bibliográfica, parte das análises de livros e artigos que tratam do tema em questão e que possuem relatos de professores a respeito de suas práticas nos últimos meses. A pesquisa tem como base teórica SOUZA (2008) e SILVA (2011), autoras que conceituam a educação do campo e discorrem à respeito dos seus embates. Conclui-se, que a educação de forma remota exclui uma grande parcela dos estudantes que vivem no campo, visto que, não possuem recursos tecnológicos para acompanharem as aulas, assim como, as escolas não possuem a infraestrutura adequada para atender esses alunos.

**Palavras-chave:** Aulas remotas, Educação do campo, Estudantes, Professores.

### INTRODUÇÃO

A educação do campo é uma modalidade da educação ancorada em aspectos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação<sup>3</sup>, que aponta no art. 28 a necessidade de adequações na oferta da educação básica para a população que mora no campo, considerando as suas singularidades buscando metodologias e conteúdos que dialoguem com a realidade dessas pessoas.

A educação do campo é:

toda ação educativa desenvolvida junto aos povos do campo, “incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas”<sup>4</sup> e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida. (SILVA, 2011, p. 8)

Sendo assim, um direito de todos que vivem nesses locais, no entanto, sabemos que a realidade das escolas das áreas rurais é precária por conta do baixo investimento do governo e de seu descaso, por isso, as crianças precisam se deslocar para áreas distantes de suas casas para

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, [biancajesus@alunos.uneal.edu.br](mailto:biancajesus@alunos.uneal.edu.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, [juliana.santos8@alunos.uneal.edu.br](mailto:juliana.santos8@alunos.uneal.edu.br);

<sup>3</sup> Lei nº 9.394/96

estudar, quando a escola é na comunidade em que residem podemos encontrar outros problemas como a falta de formação política e profissional dos responsáveis para lecionar nessas classes assim como, a falta de infraestrutura do ambiente para as crianças.

Educação do campo, é o significado de uma educação construída pelas pessoas que vivem no campo e para essas pessoas, não é uma educação que segue os moldes da educação sistematizada na cidade e aplicada no espaço rural.

Segundo SOUZA (2008) a concepção de educação do campo:

[...] a concepção de educação do campo valoriza os conhecimentos da prática social dos camponeses e enfatiza o campo como lugar de trabalho, moradia, lazer, sociabilidade, identidade, enfim, como lugar da construção de novas possibilidades de reprodução social e de desenvolvimento sustentável. (SOUZA, 2008, p. 1090)

No percurso da educação do campo, existiram algumas mudanças referente a nomenclaturas do termo utilizado para a referida modalidade, buscando incorporar os sentidos e significados presentes no campo e no trabalho camponês, o termo passou a ser Educação do campo, deixando para trás o termo *Educação Rural*, utilizado até então. A palavra *campo* não se limita apenas a localização geográfica, existem inúmeros significados culturais e identitários que se fazem presentes na utilização desse termo.

É importante explicitar que o campo não é qualquer lugar, nem tão pouco um lugar menor considerando os espaços, então não há como pensar em um projeto de educação sem levar em consideração que existe uma parte muito grande da população brasileira que tem o direito à educação no local onde vive, considerando sua origem, cultura, trabalho e todas as especificidades de sua vida. Ou seja, uma política de educação que seja no e do campo. (SANTOS, 2019, p. 20)

Desde o princípio, são inúmeros os desafios enfrentados para que os camponeses tenham os seus direitos garantidos por lei dentre eles o da educação no local em que vivem e pensada para eles considerando suas especificidades, assim como, a luta pelo acesso e permanência à escola e até mesmo contra o crime do fechamento das escolas do campo.

No ano de 2020, podemos considerar que surgiu um novo desafio a ser enfrentado, não só pelos sujeitos que estudam nas escolas localizadas no campo, más, para todos, por conta da pandemia do COVID-19, que no Brasil contaminou diversas pessoas, ocasionando na morte de muitos, devido a diversos fatores, dentre eles, o negacionismo do atual governo de extrema direita e a corrupção na compra e distribuição das vacinas. Em março de 2020 as aulas foram suspensas e meios foram criados para a continuação do período letivo de forma remota, visto que, torna-se necessário o distanciamento social para tentar conter a propagação do novo vírus, considerando a necessidade de preservar a vida das pessoas e de seus familiares.

Nesse período de pandemia do COVID-19, podemos questionar se não existiria uma nova luta a ser travada-além é claro, da luta contra o vírus e a favor da vida- embate esse, que

seria contra a precarização da educação transmitida de forma remota, sem a mediação docente, não garantindo o acesso de grande parte das crianças à educação escolar.

A partir disso, questiona-se como foram realizadas as aulas nas comunidades campesinas nesse contexto de pandemia, como os professores e alunos se relacionaram e as ferramentas que utilizaram no cotidiano para dar continuidade às aulas no novo formato, levando em consideração os recursos que se fazem presente, até mesmo, as condições estruturais das escolas do campo para utilizar das metodologias propostas.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa possui um caráter exploratório, o procedimento técnico é o da pesquisa Bibliográfica, pois, esse estudo é realizado a partir de consultas a artigos acadêmicos e livros de caráter informativo que tratam do assunto em questão tanto de forma qualitativa, assim como, quantitativa.

De acordo com GIL (2002, p. 45) a pesquisa bibliográfica possui algumas vantagens significativas, pois a mesma pode “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.”

Por isso, para a elaboração desse artigo, realizou-se um levantamento de trabalhos e pesquisas publicadas no período de março/2020 ao ano de 2021, que retratasse os desafios enfrentados por professores na sala de aula das escolas do campo. Para que, através de uma leitura atenta, pudesse ser estabelecido uma relação entre os desafios encontrados, com a infraestrutura e recursos disponíveis na escola investigando se os mesmos, suprem com as necessidades identificadas no então novo modelo de aulas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Mesmo o Brasil, sendo um país predominantemente agrário, levou muito tempo para que existisse um olhar pra educação do campo e as suas especificidades, ainda hoje, as políticas públicas voltadas para a educação do campo são escassas e escolas são fechadas a todo momento. Segundo dados do *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio*

Teixeira (2020) existem cerca de 53.027 escolas de Educação básica situadas no campo, das quais, 48.404 são administradas pelos municípios.

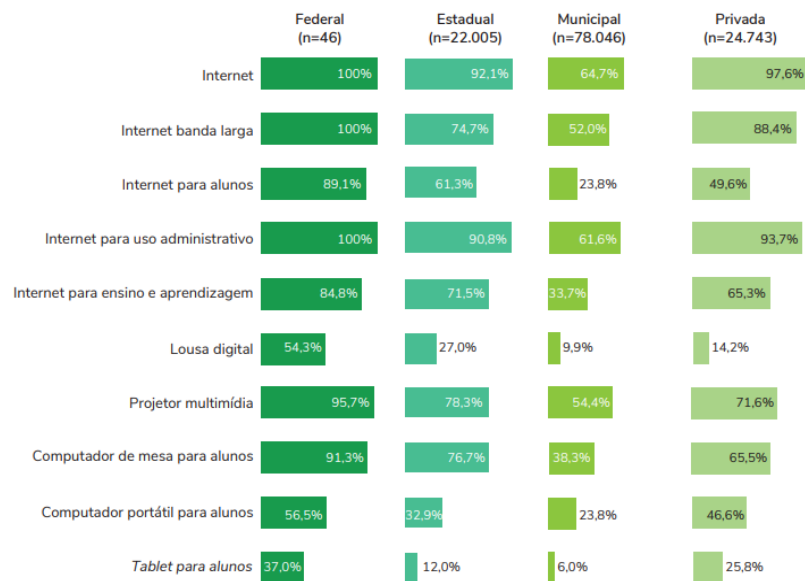
É importante ressaltar que, existem escolas do campo que não possuem condições mínimas de infraestrutura e precisam garantir recursos básicos como por exemplo água potável e energia elétrica de acordo com o *Panorama da educação do campo* (2007), esse mesmo relatório aponta que:

As escolas rurais apresentam características físicas e dispõem de infra-estrutura bastante distinta daquelas observadas nas escolas urbanas. Em termos dos recursos disponíveis, a situação das escolas da área rural ainda é bastante precária. [...] serviços e insumos básicos presentes na maioria das escolas urbanas são escassos ou inexistentes nas escolas rurais. (BRASIL, 2007, p. 29)

Segundo dados do censo escolar do ano de 2020 “Ao avaliar a disponibilidade de internet nas escolas da educação básica, percebe-se que esse recurso é pouco presente” (BRASIL, 2021, p. 11), percebemos que nos estados Norte e Nordeste o percentual de escolas com acesso à internet é inferior aos demais estados. Considerando que, grande parte das escolas presentes no campo são escolas municipais, iremos chamar atenção para essas escolas, visto que, os referidos dados não têm a análise desse percentual especificando campo e cidade. Dessa forma, o percentual das escolas municipais da região norte do Brasil com acesso à internet é 36,6% e da região Nordeste é respectivamente 57,9% (BRASIL, 2021).

Esse percentual declina ainda mais, quando analisamos a disponibilidade desse recurso para o uso dos alunos, somente 23,8% das escolas municipais, dispõe da internet para os alunos. Podemos perceber na figura 1, logo abaixo, que mesmo sendo maioria na oferta do ensino fundamental, quando consideramos os recursos tecnológicos das escolas municipais as mesmas são as que menos dispõem.

**Figura 1. Recursos Tecnológicos disponíveis nas escolas de ensino fundamental segundo a dependência administrativa**



Fonte: Elaborado por Deep/Inep com base nos dados do Censo Escolar. Disponível em:

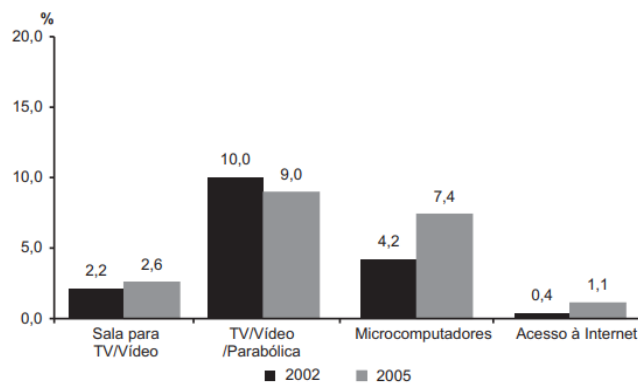
[http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-](http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993024)

[/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993024](http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993024). Acesso em: 17 julho 2021.

No relatório *Panorama da educação do campo*, elaborado no ano de 2007 é analisado o percentual de escolas do campo que não possuem acesso a rede de internet, mesmo sendo um documento produzido a alguns anos atrás, deve ser considerado, pois o seu conteúdo é resultado de uma análise voltada para essa modalidade da educação.

Como mostra a figura 2, a maioria dos estudantes das escolas rurais acabam sendo privados de explorarem outras oportunidades no processo de ensino e aprendizagem quando relacionados ao uso de recursos tecnológicos, sendo o acesso à internet disponível apenas para 1,1% dos alunos.

**Figura 2. Percentual de estabelecimentos que oferecem o ensino fundamental segundo as facilidades de informática disponíveis na escola- Brasil- Rural- 2002/2005**





Fonte: Panorama da Educação do Campo (2007). Disponível em:

[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/panorama\\_da\\_educacao\\_do\\_campo.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/panorama_da_educacao_do_campo.pdf). Acesso em: 17 Julho 2021.

Os dados mostram que o número de escolas que dispõe de uma rede de internet é muito pequeno, as crianças que moram perto da escola poderiam acessar a internet para ter acesso aos conteúdos disponibilizados pelos professores, caso tenham um aparelho celular disponível, no entanto, aquelas crianças que vivem em comunidades vizinhas teriam que se deslocar para acessar a rede de *wi-fi*, visto que, mesmo que seja garantido por lei que estudar na comunidade em que vive é um direito das crianças, também é posto a possibilidade da nucleação, aonde as crianças teriam que se deslocar para comunidades próximas pra estudar.

Vale considerar, que muitas famílias dispõem de apenas 1 aparelho celular para todos os membros, o que pode dificultar o acesso das crianças aos assuntos disponibilizados pelos professores.

Com todas essas dificuldades, o professor precisou se adaptar ao atual momento e buscar estratégias para compartilhar os saberes com os seus alunos, resignificando a sua prática docente, e aprendendo a utilizar das ferramentas tecnológicas, por muitas vezes, esse processo foi solitário, visto que, muitas propostas elaboradas pelas secretárias ou organismos superiores não funcionam nas comunidades, pois, são elaboradas por aqueles que desconhecem a realidade das pessoas que vivem nesses locais.

A crise instaurada pela covid-19 produziu nas escolas um cenário de muitas mudanças. Nessa esteira, apresentamos como um dos maiores desafios a imposição da exigência de um novo perfil que devem ter os professores para ministrar aulas nesse contexto de contradições vivenciadas dentro e fora do espaço escolar. (VALLE e MARCOM, 2020, p. 142)

Das ferramentas utilizadas, o celular é o recurso predominante assim como, o uso do aplicativo de mensagens *whatsapp*, que é de “fácil” acesso entre os alunos e pais. Para aqueles alunos que não dispõem de recursos tecnológicos para acompanhar as aulas e nem possui acesso à internet, é comum a disponibilização de apostilas aonde as crianças respondem as atividades e depois fazem a devolução para que seja corrigida pelos professores. Essa questão traz questionamentos e reflexões acerca desse processo, visto que, as crianças estão em processo de aprendizagem, como irão responder as atividades propostas, considerando que grande parte desses alunos não têm quem os auxilie em casa na execução das tarefas.

O uso das tecnologias no ensino remoto mediando o processo de ensino-aprendizagem trouxe à frente as exclusões digitais em algumas escolas, principalmente na zona rural, onde os estudantes não possuem acesso à internet e/ou não têm ferramentas tecnológicas suficientes, dificultando ainda mais a adaptação ao novo ensino. Nesse sentido, para os alunos que se enquadram nesse perfil, o professor precisa enviar e



receber as atividades impressas, e na maioria das vezes esse aluno não tem acompanhamento dos familiares na realização das atividades, resultando no retardamento do seu desenvolvimento. Mediante essa situação na qual o mundo se encontra, o professor fica impossibilitado de dar um feedback a esse público. (LEITE, ARAUJO, 2021, p. 3)

A partir disso, refletimos acerca da precarização da educação em tempos de pandemia, podem existir ressalvas, mas, a realidade é que grande parte dos alunos brasileiros, principalmente os que vivem em comunidades rurais, se encontram sem recursos tecnológicos para assistir as aulas e por isso, o processo de ensino e aprendizagem é extremamente prejudicado, e esses alunos são excluídos e privados da educação escolar.

Nos relatos descritos por Souza, Pereira e Fontana em *Educação em tempos de pandemia: narrativas de professoras(es) de escolas públicas rurais* (2020), podemos perceber como ocorreu as aulas nesses últimos meses, os professores realizaram atividades que eram entregues para os alunos, no entanto, esbarram com inúmeras dificuldades que vai desde da entrega da atividade que por vezes é responsabilidade do professor que tem que se locomover para realiza-la, pois, alguns pais não tem condições de busca-la nas escolas, assim como, a falta de material escolar dos alunos para realizarem as tarefas.

O ensino acaba sendo centrado na realização de atividades sem uma mediação adequada por parte dos professores, a família não tem uma formação para que realize essa mediação e dessa forma o processo de aprendizagem do aluno é precário. Torna-se evidente a elaboração de propostas para que os estudantes das escolas rurais se adequem, propostas elaboradas por pessoas que não conhecem as comunidades e as realidades dos sujeitos muito menos os recursos e ferramentas que dispõe. O trabalho pedagógico acaba sendo condicionado a execução de tarefas de forma técnica.

Outra questão que não é levada em consideração é o cotidiano dos estudantes, de acordo com Santos, Molina e Hage (2020), os alunos e crianças que vivem no campo esbarraram na sobrecarga de propostas encaminhadas para serem realizadas, principalmente aqueles que são trabalhadores e tentam conciliar as atividades essenciais para a sua sobrevivência com a escola.

Dessa forma, corrobora-se com Maria (2021), quando destaca que, o período da pandemia frisou a precarização das Escolas do Campo tanto em cunho pedagógico, assim como, em questões voltadas para a infraestrutura das escolas e disponibilização de materiais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no exposto acima, podemos perceber que mesmo a Educação do campo tendo alcançado muitas conquistas nos últimos anos, ainda existem muitos objetivos a serem alcançados para um melhor desenvolvimento das crianças que estudam nessas escolas.

Além disso, chama atenção a falta de investimento para as escolas dessas áreas, torna-se inacreditável a existência de escolas que não possui energia elétrica, nem mesmo água potável. Considerando que essas escolas não tem recurso mais básico para o seu funcionamento de forma presencial, então torna-se difícil que consigam alcançar metas propostas de forma remota.

É perceptível que os professores e os alunos se encontram por vezes desamparados nesse período de pandemia, e os órgãos superiores assistem de longe, criando estratégias homogêneas de ensino, ineficazes para que sejam aplicadas pelos professores que acabam tornando-se transmissores e trabalhando de forma técnica, para entregar resultados que se tornam puramente burocráticos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Panorama da educação do campo. Brasília, 2007. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/panorama\\_da\\_educacao\\_do\\_campo.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/panorama_da_educacao_do_campo.pdf). Acesso em: 20 Julho 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Básica 2020: notas estatísticas. Brasília, DF: INEP, 2021. Acesso em: 20 Julho 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São paulo: Atlas, 2002.

LEITE, Maria das Neves Tiburtino; ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. As práticas pedagógicas dos professores da Escola do Campo no contexto da pandemia da covid-19. Revista Educação Pública, v. 21, nº 13, Abril, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/13/as-praticas-pedagogicas-dos-professores-da-escola-no-campo-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 21 Julho 2021.

MARIA, Vanessa Andriani. Escolas do campo e ensino remoto no contexto da pandemia Conteudo Juridico, Brasilia-DF: 10 jun 2021, 04:25. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/56714/escolas-do-campo-e-ensino-remoto-no-contexto-da-pandemia>. Acesso em: 06 jul 2022.

SANTOS, Clarice Aparecida; MOLINA Mônica Castagna; HAGE, Salomão Antônio Muffarej. Ensino Remoto e à Distância aprofunda as Desigualdades e não garante o Direito à Educação dos Povos Tradicionais e Camponeses em Tempos de Pandemia. Colaboração de texto. 2020. Disponível em: <https://anped.org.br/news/ensino->





remoto-e-distancia-aprofunda-desigualdades-e-nao-garante-o-direito-educacao-dos-povos. Acesso em 06 de jul de 2021.

SANTOS, Lídice Angelina dos. **Um estudo sobre as práticas e concepções pedagógicas de educação do/no campo em uma escola do município de Taquarana-Al.** Arapiraca, 2019. 69 p. Monografia (Pedagogia)- Universidade Estadual de Alagoas.

SILVA, Maria do Socorro. Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história. 2011. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/17/f1098linha-do-tempo-da-educacao-desenvolvida-no-espao-rural-no-brasil.pdf>. Acesso em: 14 Julho 2021.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do Campo: Políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação sociedade**, v. 29, n. 105, p. 1089-1111, set/dez. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 Julho 2021.

SOUZA, Maria Antônia de; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; FONTANA, Maria Iolanda. Educação em tempos de pandemia: Narrativas de professoras(es) de escolas públicas rurais. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto) Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 16, p. 1614-1631, Edição especial, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9172>. Acesso em: 20 Julho 2021.

VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia Rizzi. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: Palú, J.; SCHUTZ, J.A.; MAYER, L. (Orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia.** Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 139-153.